



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA

**FESTA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO EM BOQUEIRÃO:
RELIGIOSIDADE POPULAR.**

INEZ MARIA DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE, PB

2010.

INEZ MARIA DE OLIVEIRA

FESTA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO EM BOQUEIRÃO:
RELIGIOSIDADE POPULAR.

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História através da Universidade Federal de Campina Grande e sob a orientação do Prof. José Pereira de Sousa Junior.

CAMPINA GRANDE, PB.

2010



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

INEZ MARIA DE OLIVEIRA

FESTA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO EM BOQUEIRÃO:
RELIGIOSIDADE POPULAR.

Aprovada em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. José Pereira de Sousa Junior

Orientador

Prof. João Marcos Leitão Santos

Examinador(a)

Prof. Ms. Luciano de Queiroz Aires

Examinador(a)

CAMPINA GRANDE, PB, 2010.

DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar dedico este trabalho as minhas filhas: Francynês (Bióloga e mestranda na USP), Francynesa (Técnica em Enfermagem) e Francly Izabelly cursando Letras na UFCG. A Gabriel, netinho querido, e a Jônata único genro.

Aos meus pais Sebastião Marinho de Oliveira (in memoria) e Inácia Maria de Oliveira.

Aos meus irmãos: Severino, Luzia, Antonia, José, Geraldo, Socorro, Antonio, João, Teresinha e Cecília.

Aos cunhados: Santana, Luzia, Livramento, Verônica e Ronaldo.

A minhas tias: Margarida e Teresa.

A meus sobrinhos: João Paulo, Lannuzia, Rafael, Rodolfo, Renato, Annellyzezy, Lucas e Mateus. E também a todos os meus afilhados que não serão citados por conta do elevado número, mas, sempre lembrados com carinho.

Aos meus alunos.

Para todos esses citados ou não recebam em distância essa grande herança: a educação, único caminho para o futuro.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho, foi necessária a colaboração de algumas pessoas que contribuíram seja direta ou indiretamente como instrumento na construção do desenvolvimento da pesquisa.

Em primeiro lugar agradeço a Deus, louvado seja o Senhor por está sempre presente minha caminhada. Agradeço a Deus, ainda, pela minha existência e resistência.

A minha família pelo apoio. Em especial a minha filha Izabelly.

Aos professores de curso e ao orientador José Pereira Junior. A professora Regina pela sua compreensão e paciência nos orientando e nos reanimando em momentos difíceis. Aos professores que irão compor a banca examinadora.

Aos colegas de curso: José Fernandes, Aída, Jaidete, Denise, Henrique, Daniel, Dorinha, Luisa e Ritinha entre outros.

Aos amigos que colaboraram com esse trabalho e durante o curso: Moisés, Franklin, Rosimary, Thiago, Fábio, Neide, Vilma, Naldete, Radácia, Soraya, Rita, anunciada, Aparecida e etc.

Aos entrevistados Josefa Maria da Silva, Joaquina Maria Pereira e Pe. Edivar de Moraes.

RESUMO

Nesta pesquisa analisamos a religiosidade popular, a fé e a razão do “grotesco” ao “sublime” como também a festa da santa padroeira da cidade de Boqueirão, PB, Nossa Senhora do Desterro, refletindo sobre o papel da Igreja Católica na formação religiosa do povo, no desenvolvimento de sua cultura, de seus valores e de suas instituições. A religião enquanto elemento da cultura de um povo sofre transformações em decorrência das experiências e vivências de cada comunidade.

Assim, a formação do povo brasileiro é decisiva para a constituição de uma religião que mistura aspectos divergentes de vários povos, no caso do Brasil, sobretudo: índios, africanos e portugueses. O catolicismo brasileiro é reflexo desta miscigenação, pois a religião católica trazida pelos portugueses funde-se ao misticismo dos índios e negros vindos da África. Foram utilizados para a fundamentação teórica além de COMBLIN (1978), OLIVEIRA (1985), PIERUCCI & PRANDI (1996) E ZALUAR (1983) entre outros.

ABSTRACT

In this research we analyse the popular religiosity, the faith and the reason of “grotesque” to “sublime”, and the “religious festival” of the city of Boqueirão, Paraíba. The holy mother reflecting about the part of the catholic church turned to her people formation for the development of his culture, his values and his institutions. In right way, the religion does part of a culture with her divergences, who suffer changes caused by experiences and vivences of each person.

The Brazilian county, formed by many religions, brought by peoples from different cultures (meantly indians, africans and portugueses) shown a dissimilaritute catholicism, then, the Black people came from Africa, Who brings with himself his own religion, like the indians, Who worships his own deities.

Was utilized like collect instrument oral data, theorica data, like: COMBLIN (1978), OLIVEIRA (1985), PIERUCCI & PRANDI (1996) and ZALUAR (1983) etc. to compare and reflect the part of the church in the popular religiosity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	8
CAPÍTULO 2	21
CAPÍTULO 3	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39
ANEXO	40

INTRODUÇÃO

A religião católica no Brasil apresenta características peculiares que ganham força na formação cultural do povo brasileiro. Sem a possibilidade de exercer um controle efetivo sobre as expressões religiosas num território imenso como o nosso, a Igreja Católica demorou muitos anos para conseguir estabelecer um controle mais acentuado sobre a vida religiosa dos cristãos católicos.

Assim, desenvolve-se principalmente nas periferias e interiores uma manifestação religiosa que une os valores simbólicos de negros, índios e portugueses. Essa tradição é combatida pelo trabalho extensivo da Igreja Católica, especialmente das irmandades, e pela sua intenção em formalizar o culto religioso seguindo os padrões do cânone ou do código central da Igreja que é o Catecismo da Igreja Católica.

Porém, essas manifestações populares tendem a sobreviver por meio de expressões que interpretadas pelo povo segundo as suas necessidades ganharam nova simbologia. Aqui encontramos as procissões, as promessas, romarias, festas religiosas entre outros eventos em que permanece o sentimento popular.

Dentre essas manifestações realizadas pelo povo e mantidas pela Igreja, vamos considerar, sobretudo, as Festas religiosas, de modo especial, a Festa de Nossa Senhora do Desterro padroeira da cidade de Boqueirão no Cariri Paraibano.

Buscaremos, inicialmente, situar a origem da cidade de Boqueirão em seu contexto histórico como forma de compreendermos a formação cultural e religiosa dessa comunidade. Em seguida, abordaremos por meio de alguns estudiosos como Zaluar e Freire os aspectos populares que ainda sobrevivem na religião católica e suas origens. Por fim, centralizamos nosso estudo sob as pesquisas feitas a cerca da religiosidade popular existente em Boqueirão, sobretudo, ressaltando a importância da Festa de Nossa Senhora do Desterro e sua origem. Além disso, comparamos a representação da festa religiosa realizada pela Igreja Católica e as tradições e festas tradicionais populares realizadas pelo povo.

CAPÍTULO 1

RELIGIOSIDADE POPULAR: O POVO DE DEUS, A IGREJA E O ESTADO.

1.1. O pré-texto do contexto.

Antes de iniciarmos nossa discussão a cerca da temática a que nos comprometemos tratar, faz-se necessário esboçar o contexto sócio-histórico político e cultural que explica a origem da religião predominante no município de Boqueirão.

Ora, a origem da religião católica em Boqueirão mistura-se ou é totalmente influenciada pela forma de colonização e de povoamento, tão comum no Brasil, a que foi submetida à antiga Vila de Carnoió.

A origem do município está associada à marcha para ocupação do interior através das entradas e Bandeiras, as quais tinham como objetivo a posse de terras e o combate aos índios da região. Sendo as terras então encontradas, localizadas na bacia hidrográfica formada pelo rio Paraíba (que corta a Serra de Carnoió ao meio – daí a denominação inicial da comunidade de Vila de Carnoió e depois Boqueirão), estas constituíram um local apropriado para a criação bovina.

Segundo Irineu Joffly, nessas terras existia uma aldeia de índios cariris da raça Tapuia. Estes não aceitaram passivamente a ocupação de seus espaços pelos criadores de gado que então se instalavam em ocasião do povoamento português no interior paraibano. Porém, com crescimento das apropriações e instalações agropecuárias pelos bandeirantes que dispunham de armas mais eficientes que os índios, estes acabaram sendo dominados e escravizados por aqueles. Todavia, uma das medidas adotadas pelos colonizadores para facilitar sua dominação sobre os índios foi à catequização destes.

Para catequizar os índios, vieram inicialmente Teodoro Lucé e Martim de Nantes. Segundo a tradição oral, esses missionários não escravizavam os índios como

queriam os fazendeiros. Ao contrário, catequizaram e ensinaram-lhes ofícios tais como: fiação, tecelagem e técnicas agrícolas e etc..

Ainda na década de 1940 a Vila de Carnoió (hoje Boqueirão) contava com uma rua principal (que leva o nome do seu fundador: Antonio de Oliveira Lêdo) margeando o rio e outras poucas, menores, em torno da Igreja. Era justamente neste local - em torno da igreja - que funcionavam as principais atividades comerciais da vila baseadas na compra e venda de gêneros de primeira necessidade.

Como se sabe a ocupação portuguesa no Brasil se deu pela junção de dois interesses: econômico e religioso. A carta de Pero Vaz de Caminha, primeiro documento histórico que relata o encontro entre portugueses e índios no momento da primeira visita de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, nos traz uma passagem interessante a cerca da dominação portuguesa também por meio da fé.

“Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tensão de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza o Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade.

E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons... E, portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!”(Leonardo Arroyo. A Carta de Pero Vaz de Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método, 1976. p. 60)

Por meio de tal colonização, a Igreja Católica fincou no Brasil, assim como majoritariamente nos países ocidentais a sua organização religiosa. No entanto, o catolicismo no Brasil apresenta algumas nuances que devem ser respeitadas, entre essas: o catolicismo popular que abordaremos a seguir.

2. Catolicismo no Brasil: espelho do seu povo

2.1. Religiosidade popular

Sabemos que a formação de um povo é decisiva para o desenvolvimento de sua cultura, de seus valores e de suas instituições. Assim, a religião como elemento cultural também sofre mutações em decorrência das experiências e vivências de cada povo. O Brasil, formado, sobretudo pela fundição entre povos de diferentes culturas (principalmente índios, africanos e portugueses), apresenta um catolicismo diferenciado, pois, os negros vindos da África traziam consigo sua religião, assim como, os índios aqui já adoravam as suas divindades. Os portugueses impunham por meio do poder que exerciam sobre essas culturas o seu catolicismo que vai aos poucos sendo aceito pelos índios e absorvidos pelos negros, porém, sem deixar de ser também influenciado por suas próprias crenças.

Sabe-se que a igreja no momento da colonização não dispunha de um número suficiente de padres para acompanhar os colonizadores no interior de um território tão grande. A falta de assistência e de instrução religiosa contribuiu com o surgimento de outras manifestações religiosas ou com a acentuação das tradições religiosas dos negros vindos da África e dos índios. Essas práticas que muitos consideram como supersticiosas e folclóricas desenvolveram-se fora do controle e da hierarquia eclesiástica e foram decisivas para a construção de um catolicismo com a “cara do povo brasileiro”.

A ausência de paróquia rural fez com que ocasionasse a preparação de um catolicismo simples, ou seja, um catolicismo “nativo” formado, pela mistura de crenças primitivas dos índios e dos africanos e da piedade portuguesa sempre carregada de folclore. Esse catolicismo que depois ficou conhecido como catolicismo popular encontrou força, sobretudo, nos interiores e periferias das grandes cidades.

Segundo Joseph há algumas constatações importantes para a compreensão do catolicismo popular brasileiro. Uma delas é o que Brasil não viveu a Idade Média.

O catolicismo popular pode ser observado por meio dos diversos ritmos que embalam os hinos nas igrejas católicas, assim como a decoração dos templos e as crenças que ainda hoje predominam, como, por exemplo, as promessas, romarias e festejos religiosos populares.

O altar e a cruz como símbolos vivos do cristianismo são incorporados na igreja e na vida das pessoas que acabam por trazer a cruz ao pescoço (e depois com o aumento do comércio até nas orelhas em forma de brincos, anéis, pulseiras...) e o altar para dentro de suas casas onde são ornados com flores, velas e onde são postas as imagens veneradas pelas famílias que transmitem não só as imagens e os oratórios de geração em geração, mas a sua crença.

Como afirma Joseph, o Brasil nasceu sob o signo da Cruz, por ter recebido o nome de “Terra de Vera Cruz”, e depois, “Terra de Santa Cruz”. Sabe-se que primeira obra realizada pelos descobridores quando chegaram ao Brasil, foi o de um altar com uma grande cruz para dar sinais da religião católica e abençoar a nova terra. A cruz seria justamente um símbolo, e que assim por diante se espalhou por todo Brasil.

O altar foi uma obra do passado para realização das cerimônias religiosas, como também no presente ainda se conserva esta obra. É com grande satisfação que as pessoas trabalham na ornamentação do altar. Existe sempre uma preocupação em seguir os tempos litúrgicos e vestir o altar com a cor adequada. Até mesmo as flores e hastes são selecionadas com cuidado e têm o local adequado a ser colocado, não podendo, por exemplo, ficar sob a mesa do altar. Porém, nas comunidades em que prevalece o catolicismo popular essas orientações não são observadas na maioria das vezes por desconhecimento.

Seguindo esta tradição religiosa que predomina, sobretudo, no interior do Nordeste, na cidade de Boqueirão, localizada no cariri paraibano, desenvolveram-se de forma absoluta os festejos populares em datas religiosas pré - estabelecidas pela própria Igreja (como o São João e o São Pedro) e outras ocasionalmente projetadas pela cultural local como a Festa da Padroeira Nossa Senhora do Desterro (realizada sempre no último final de semana do mês de Janeiro) e a Festa de São Bento (que acontece sempre no final do mês de Agosto).

Outro fator a ser observado e que muito influenciou a religiosidade popular por ser bem característico é o da religião familiar. Era por meio da religiosidade familiar que os escravos e agregados das famílias portuguesas instaladas no Brasil iam aos poucos assimilando a nova fé à sua e reconstruindo um catolicismo miscigenado.

Essa tradição perdurou e perdura ainda muito forte na região Nordeste. Cada casa possuía, ou ainda possui seu quarto de santos ou mesmo seu pequeno oratório, centro de vida religiosa da família do interior, longe dos centros e da igreja eclesiástica.

Em meu depoimento posso citar algumas das lembranças guardadas da minha infância vivida no interior, no Sítio Taboado de Baixo em Boqueirão, PB. Na casa grande onde eu nasci, e convivi ao mesmo tempo com meus pais, avós e tias, existia em um quarto um pequeno oratório que guardava os santos venerados de uma de minhas tias. Durante todo o ano se rezava de acordo com a data de comemoração de cada santo venerado. Iniciava-se com a Quaresma e concluía-se com o natal. Desde criança todos nós acompanhávamos os terços e novenas. No final de Julho até início de agosto se rezava novenas do Sagrado Coração de Jesus, Santa Ana e São Bento. Assim passaram-se alguns anos. Com o passar do tempo passamos a residir na cidade e esta devoção quase não se repete mais. Porém, alguns desses gestos religiosos ainda permanecem.

No interior e até mesmo nesta localidade citada acima, cada família manifesta ao seu modo a preferência por um ou outro santo. Alguns festejam Santo Antonio, São João e São Pedro, no entanto seria promessa, ou mesmo tradição familiar o que, de fato, influenciava esta escolha tendo em vista que, segundo a tradição cada santo intercede em favor de determinada necessidade.

Sabe-se que é muito importante guardar na memória bons momentos de todas essas realizações desde os símbolos como a bandeira do santo festejado como padroeiro, como a obra do altar com suas belas ornamentações. Na localidade onde me criei, por exemplo, a ornamentação do altar ficava por conta de uma senhora da comunidade, dona Maria de Lourdes que organizava com seus caprichos, o altar de São João Batista, santo padroeiro da minha comunidade Sítio Taboado de Baixo no Município de Boqueirão no Cariri paraibano. Pois, apesar de cada família apresentar suas devoções a seus santos preferidos existia sempre em cada comunidade uma devoção comum a todos.

2.2. Expressões populares religiosas: as procissões

As procissões é uma das práticas religiosas mais antigas do Brasil. Tal evento causava sempre forte impressão em todos os habitantes do lugar onde era realizado. O primeiro governador do Brasil, Tomé de Sousa (1549-1552), quando pisou no solo brasileiro para inaugurar a sede do governo português na América entrou em procissão como numa peregrinação.

A procissão é um evento religioso onde melhor se pode observar a atitude religiosa e espontânea do povo, sua devoção simples é uma mistura de elementos folclóricos. São também a melhor ocasião de se cumprir as promessas de maneiras muitas vezes inesperadas. Como por exemplo: carregar grandes cruces de madeira, pedras na cabeça ou assistir missa de pé no altar.

Durante a colonização, as promessas eram organizadas pelos religiosos, pelas confrarias e pelo poder público. Essas formas de promessas ainda hoje se repetem em alguns lugares do Brasil. Desde a época da colonização, a procissão mais importante era a de Corpus Christi. Essa prática que sempre causou grande impressão pelos índios foi adotada pelos jesuítas. Em 9 de agosto de 1549, o padre Manuel da Nóbrega descreve a procissão de Corpus Christi realizada solenemente com cânticos pelas ruas enfeitadas com ramos.

As procissões da Semana Santa tinham uma finalidade de instituir um sentimento de piedade e compaixão com relação aos flagelos vivenciados por Cristo na aventura histórica da salvação e por consequência fazer as pessoas refletirem sob suas ações e sobre a conversão. Seu objetivo era ensinar às pessoas mais humildes os sofrimentos de Jesus e Maria na história da salvação.

“As procissões de Cinzas”, realizadas na quarta feira de “cinzas”, dava início a Quaresma, com a finalidade de lembrar aos fiéis a brevidade da vida, a limitação humana e a conversão além de sugerir a manifestação penitencial para buscar a salvação.

A procissão do Encontro, realizada na sexta feira da quaresma, revivia algumas passagens importantes da Paixão de Cristo: a flagelação, o Salvador carregando a cruz sobre os ombros, as três quedas de Jesus, o encontro com Maria e Verônica enxugando seu rosto. Esta procissão é uma dramatização viva, onde todos se embebem por um

sentimento de piedade. A procissão do enterro de Jesus, como a procissão de Corpus Christi e de Cinzas também são realizadas em nossa região, assim como a procissão dos santos padroeiros e padroeiras em dias de festa. Abaixo fotos da procissão de São Bento também festejado na Paróquia Nossa Senhora do Desterro.

Figura 1: Procissão de São Bento (2007) – Boqueirão PB
(2007) – Boqueirão PB.
Acervo de: Fábio Brito



Figura 2: Procissão de São Bento
Acervo de: Fábio Brito



Segundo o autor, a Igreja tem se preocupado com o aspecto religioso e pastoral, mas não pode evitar que as festas dos padroeiros, ou padroeiras, sejam carregadas de manifestações populares, tais como: canto, danças folclóricas, e comércio de bebidas e comidas típicas etc., por serem numerosas na região onde elas ocorrem.

Entre as inúmeras crenças que envolvem o imaginário popular está uma espalhada entre pescadores do Nordeste e diz que, no dia de Finados, 2 de novembro, aqueles que morrerem afogados marcham em procissão sobre as ondas do mar. Assim, até os mortos também tem suas procissões dentro da religião popular.

3. Paróquia e Pastores: transformações e contribuições na vida social e religiosa dos boqueirãoenses

A comunidade religiosa de Boqueirão pertencia a Paróquia Nossa Senhora da Conceição e São Bento de Cabaceiras, PB, assim como pertenceu o município de Boqueirão durante muito tempo. Em decorrência da insuficiência de padres para

administrar as inúmeras Paróquias que surgiam a fundação da Paróquia de Nossa Senhora do Desterro só ocorreu em 6 de Agosto de 1961, sendo seu primeiro vigário o padre Antonio Palmeira Bezerra.

Padre Palmeira, como ficou conhecido, permaneceu em Boqueirão dos anos 1964 a 1967. Durante esse período na cidade, ele lutou sempre por melhores dias tanto na religião como na educação e outros problemas sociais. Padre Palmeira foi o responsável pela fundação da primeira escola de 1º e 2º graus, “Escola Pe. Inácio, em que foi diretor e professor durante o período de tempo em que esteve em Boqueirão, sua cidade de origem. Palmeira Lutou pela concretização da ideia de formar, juntamente com outras pessoas, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boqueirão, que trouxe vários benefícios para a cidade e outras localidades que pertenciam ao Município, além de oferecer bolsas de estudos aos filhos dos agricultores associados. De certa forma, a escola fundada por Palmeira era particular naquela época, mas as bolsas de estudos, oferecidas por meio do sindicato, oportunizaram à educação aos filhos de pequenos e médios agricultores associados que não dispunham de condições financeiras para financiarem a educação dos filhos em outras cidades onde haviam escolas públicas de segundo grau.

O Pe. Palmeira também realizou a primeira festa de São Bento no dia da inauguração da Paróquia no mês de agosto. Ainda hoje se festeja São Bento nos finais do mês de Agosto como uma tradição herdada da antiga Paróquia a que pertencia.

Pe. Palmeira era muito rígido. Naquele tempo, as escolas eram muito respeitadas, e os alunos obedeciam com muito rigor. Foi uma década muito boa com recordações que jamais se apagarão. Padre Palmeira também era muito voltado para política, o que não foi bom ao entendimento do prefeito e de sua hierarquia coronelística. Apesar da importância de seu trabalho para a comunidade, devido a várias perseguições, o padre acabou sendo retirado da Paróquia.

Outro padre que marcou a vida religiosa dos boqueirãoenses devido o seu espírito missionário foi o Pe. Léo Christiaan H. Denis. Padre Léo, como ficou conhecido, veio da Bélgica, mas já se encontrava no Brasil por uns cinco anos, aproximadamente, antes de tomar posse na Paróquia de Nossa Senhora do Desterro na década de 80. Durante esse período que antecedeu a sua fixação na Paróquia de Boqueirão, Pe. Léo foi vigário

em Cabaceiras e chegou a celebrar missas no mesmo período nas duas comunidades, como sempre acontecia devido à insuficiência de padres na Diocese.

Pe. Léo lutou com muita perseverança e lealdade, sempre firme na fé buscando nos cristãos que participavam da igreja, o dom da esperança em Cristo. Pe. Léo levou para todos os recantos do município o Evangelho como também se preocupou com a formação de equipes evangelizadora procurando sempre grupo de formadores de ensino religioso para dar instruir aqueles que ainda eram leigos na evangelização. O vigário realizou uma grande missão em Boqueirão.

Com seu espírito de missionário, Padre Léo fez o chamado aos pequenos missionários, ou seja, as crianças, aqueles em que ele dedicava com carinho toda sua confiança, tolerância e companheirismo. Pensando prioritariamente nos pequenos, contribuiu com a Pastoral da Criança e também na fundação do “Novo Quilombo” (um centro de estudos e formação para crianças excluídas que era financiado por uma instituição religiosa estrangeira). Essas crianças estudavam, faziam suas refeições e tinham atividades durante todo o dia. Com o decorrer do tempo essa instituição foi extinta por falta de recursos para financiá-la. Depois que padre Léo voltou para o seminário de João Pessoa, para ser professor na formação de jovens que ali se encontravam para atender o seu chamado de vocação alguma coisa mudou.

A ausência de Pe. Léo foi de constrangimento para as crianças que estavam sempre na sua companhia nas suas viagens para celebrar em outras localidades. E como sabemos, não só as crianças como a todos aqueles que participavam de outros grupos de oração, pastoral dos enfermos, batismo, matrimônio e catequese. Sua grande amizade nos deixou boas lembranças. Em 1992, com a transferência de Pe. Léo, veio para substituí-lo o Pe. João Batista da Silva, natural da cidade de Caiçara, PB. Chegando à cidade de Boqueirão, Pe. João deu continuação aos trabalhos de reforma da Igreja Matriz iniciado por Pe. Paulo (que foi vigário paroquial antes de Pe. Léo). A Igreja apresentava sérias danificações no telhado. Pe. Paulo resolveu não só consertar o telhado como reformar a igreja transformando a arquitetura original da Matriz do século 18. Com a continuação da reforma o teto da Igreja foi revestido com gesso e o Santíssimo, onde está guardada a hóstia consagrada e o cálice bento, foi ampliado.



Figura 3: Santíssimo – À esquerda imagem da Sagrada Família
Acervo de: Fábio Brito

Pe. João Batista concluiu a reforma da Igreja e construiu um prédio que serviria como centro pastoral paroquial, todavia, atualmente é a residência paroquial e acolhe todos os religiosos e animadores de pastorais da comunidade ou visitantes. A fotografia abaixo demonstra o interior da Igreja Matriz depois da reforma.



Figura 4: Interior da Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro
Acervo de: Fábio Brito

O padre, apesar de sua rigidez na administração pastoral e paroquial, trabalhou bastante. Fazia ativamente encontros religiosos com a participação das comunidades. Existia também o Zonal Agreste formado por cinco paróquias (Queimadas, Boqueirão, Cabaceiras, Fagundes e Umbuzeiro) que periodicamente organizavam encontros em que

se reuniam todos os animadores de pastorais de todas as paróquias a fim de pensarem juntos soluções para problemas comuns e iniciativas evangelizadoras em todas as paróquias participantes.

O prédio paroquial foi concluído por Pe. Francisco Possiano da Silva que tomou posse na Paróquia depois de 10 anos ministrada por Pe. João Batista. O grande foco do Pe. Possiano foi à questão social e missionária. Durante aproximadamente 4 anos na Paróquia de Boqueirão, Pe. Possiano implantou com a ajuda de um grupo de missionários o Projeto 1 Milhão de Cisternas. A igreja coordenou este Programa durante todo o período em que Possiano esteve à frente da Paróquia. Depois de sua saída, os participantes do grupo deram continuidade ao seu trabalho, expandiram-se por todo o Cariri Oriental formando com o total apoio da ASA (Articulação do Semi Árido) o CASACO (Coletivo ASA Cariri Oriental) que daria continuidade aos projetos sociais voltados aos pequenos agricultores com o intuito de, além de cisternas levarem a formação político- social além de novas tecnologias de sobrevivência no semi - árido.

Com sua presença de espírito e seus posicionamentos ideológicos, políticos e sociais bem definidos, Pe. Possiano causou grande polêmico e impacto na vida pública do município, sofrendo por isso várias perseguições e sendo inclusive vítima de calúnias infundidas contra sua honra.

Apoiou os movimentos sociais e comunitários da Paróquia sempre se mantendo firme aos seus valores e ideais, incentivou a participação dos jovens e realizou grandes momentos missionários articulando todas as comunidades de sua área paroquial. Criou várias comunidades religiosas, articulou os conselhos comunitários das comunidades então formadas e das já existentes, formou vários grupos do CEBI (Centro de Estudo Bíblico) na Paróquia que deveriam funcionar como a base da formação dos leigos.

Em Março de 2006 toma posse na Paróquia o Pe. Edivar de Moraes, natural de Alagoas. Este realizou uma campanha em prol da reforma do teto da Igreja Matriz que apresentava novos problemas em decorrência de infiltrações. Focou seu trabalho na formação das pastorais (sobretudo crisma, batismo, catequese e matrimônio) e realizou missões com a participação dos Padres Redentoristas na Paróquia em 2008 articulando todas as comunidades. Em 2007 chegou um novo vigário na Paróquia para auxiliar o Pe.

Edivar nos trabalhos pastorais das mais de 33 comunidades. Ambos permanecem na administração da Paróquia atualmente.

4. Igreja e Estado

A igreja católica foi controlada por reis e seus representantes que dominavam a evangelização e a catequese no Brasil durante a colonização, com os direitos e deveres a esta atividade. De certa forma era uma tradição antiga em Portugal e seus fundamentos se encontram na Ordem de “Cristo”, no século XV. Dom Henrique criou uma escola marítima em Sagres, no século XV, com o apoio da Ordem de Cristo, da qual era grão-mestre.

Naquela época, a Igreja não tinha uma visão clara das implicações de tal fato. A igreja se sujeitava ao controle do Estado em atividades que eram de sua exclusiva competência. Viu-se obrigada a se retrair nas grandes questões de moral social que surgirem, das quais a principal foi o uso abusivo da escravatura. Tal repercussão deu origem à formação de uma empresa luso-espanhola. Essa empresa tinha o poder total em todos os campos, sobre as colônias: econômico, religioso, administrativo, político, etc.. O Padre Manoel da Nóbrega também foi nomeado através de uma carta de Santo Inácio escrita em 9 de Julho de 1553.

Já numa carta escrita na Bahia, de 5 de Julho de 1559, o Padre Manoel da Nóbrega diz que os padres estão no Brasil para pregar a palavra de Deus, com a finalidade de preparar os indígenas para participarem da Igreja de Deus. “Porque para isto foram enviados com seus irmãos, para esta região; tal foi à intenção de nosso rei muito cristão.” (apud, COMBLIN, 1978, p.60)

Ainda para Joseph Comblin (*idem*), a Igreja no Brasil foi, durante longo tempo, controlado pelo Estado, o qual se ocupava apenas dos aspectos externos, mais administrativos que pastorais. Tal era a indissociável união entre Igreja e Estado que todo brasileiro registrado, era também batizado: “ser católico era como um feito da natureza” (COMBLIN, *idem*).

Todavia, o catolicismo brasileiro era formado com base naquele trazido pelos portugueses, era, portanto, igualmente centrado na devoção dos santos. Era assim que

davam aos acidentes geográficos que encontravam os nomes dos santos ou das festas religiosas do dia segundo observação de Capistrano de Abreu, citado por Hoornart. Assim, os hábitos e costumes não se perdem, e são vivenciados até os dias de hoje, existe no Brasil estados e cidades com os nomes de santos, assim como também ruas, instituições públicas como escolas, teatros, praças entre outros. Isso é reflexo da influência da religião católica no estado.

Ora, de acordo com Gomes (*apud* ABREU, Martha. *Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. In: Revista Estudos Históricos. rio de Janeiro, v. 7. nº. 14. 1994.p.183-203) “*implantado justamente com a colonização portuguesa, graças ao direito de “padroeiro” este catolicismo formava um sistema “único de poder e legitimação”, associando numa interpretação estreita “o Estado e a Igreja”, o sagrado e o profano*” (GOMES, 1991:26, *apud* ABREU, 1994, *Idem*).

CAPÍTULO 2

A FÉ E A RAZÃO: DO “GROTESCO” AO “SUBLIME”

1. A fé e a razão: reflexos nas expressões religiosas populares

A “vontade de Deus” se constitui com base nos interesses humanos. Pois, os homens reconhecendo suas limitações diante de fatos que fogem a sua capacidade (de resolvê-los) acabam sempre pedindo a intercessão de divina. Isso é amplamente observado na religiosidade popular de homens simples como agricultores e criadores diante de pragas que devastam a lavoura ou doenças infecciosas que venham a sacrificar seus rebanhos, ou ainda, diante de catástrofes climáticas ou epidemias.

Isso ajuda a compreender algumas manifestações tradicionalíssimas do povo: as promessas, romarias e penitências que o povo realiza em busca de agradecer pelas graças alcançadas, de alcançar alguma graça e pedir perdão por algum pecado cometido (que venha a causar a revolta de Deus contra si). São pensamentos milenarmente vivenciados pelos homens e mulheres cristãos ou monoteístas do mundo inteiro (desde os tempos de Abraão, Moisés e Jacó segundo a Bíblia e até mesmo no Islamismo fundado por Maomé).

Até hoje essas expressões do povo que deseja defender, no fundo, a sua sobrevivência se manifestam. Na cidade de Boqueirão, por exemplo, temos uma demonstração viva da junção entre fé e razão humana. Foi a partir de alguma graça alcançada que se comemora a Festa de Nossa Senhora do Desterro no mês de Janeiro. Aliás, foi a partir dessa graça que se elegeu esta santa como padroeira de Boqueirão.

Segundo dona Josefa Maria da Silva (Dona Zefinha como é conhecida esta senhora boqueirãoense de 90 anos), em seu relato através de uma entrevista, a devoção a Nossa Senhora do Desterro veio em decorrência de uma graça alcançada pelos moradores da cidade (na época ainda pertencente a Cabaceiras). De acordo com a entrevistada houve uma epidemia naquela localidade que levou muitos à morte. Para

amenizar a situação alguns fiéis fizeram uma promessa a Nossa Senhora do Desterro pedindo que esta desterrasse o mal e salvasse o povo de tal flagelo. Com a graça alcançada passaram a festejar Nossa Senhora do Desterro que se tornou padroeira da comunidade. A festa é conhecida como “a festa de janeira” por ser celebrada nos finais do Mês de Janeiro.

A referida doença era muito contagiosa e era uma enfermidade semelhante varíola, que naquela época era chamada de “bexiga verdadeira”.

Todavia, antes da devoção a Nossa Senhora do Desterro a comunidade era conhecida como devota da Sagrada Família. Ainda hoje, a imagem que está presente na igreja e que é levada na procissão é a imagem da Sagrada Família (Jesus, Maria e José) que assim foi venerada ao longo dos mais de 40 anos em lugar da imagem de Nossa Senhora do Desterro que não existe na Paróquia até hoje. Além disso, consta num antigo órgão doado a comunidade (antes de se tornar paróquia) uma inscrição que diz: “Doado a Igreja da Sagrada Família. Abaixo à imagem que foi e é venerada pelos fiéis.”¹



Figura 5: Sagrada Família da Igreja Matriz de N. Sra. do Desterro
Acervo de: Fábio Brito

¹ Em anexo disponibilizamos foto de Nossa Senhora do Desterro em comparação com a foto da Sagrada Família.

A devoção aos santos varia de município para município a maneira de as pessoas se devotarem a eles, como também variavam, dentro de uma mesma localidade, as homenagens ao santo de acordo com suas características “pessoais”, com a importância que tinha para coletividade que organizara seu culto e com a razão que levava o indivíduo promesseiro a fazer uma promessa. Assim, os santos poderiam ser homenageados também por meio de novenas quando se tratava de uma graça mais particular.

Promessas que tinham como finalidade conseguir a proteção generalizada do santo, que dessa maneira asseguraria o bem-estar de todos, em particular de suas pautações, eram feitas tradicionalmente em função da realização de festas. Promessas que respondiam a uma situação de crise individual, como doença, parto, ou a necessidade de casar-se, ou a crise coletiva como uma estiagem muito longa ou uma praga nas plantações eram cumpridas por meio de rezas, novenas aos santos, sacrifícios, penitências...

Segundo Willems, as irmandades religiosas, que se encarregavam de realizar a festa, não a fixavam no dia de Pentecostes esperando até que completasse a colheita dos principais produtos da região a fim de permitir aos lavradores cumprirem suas promessas de dar mantimentos para a festa do santo (*apud*, BRANDÃO, 1978).

Com o passar do tempo as festas vão perdendo o seu caráter original e puramente religioso e acabam sendo realizadas como forma também de confraternização entre as pessoas (e são geradas principalmente por interesses econômicos). Assim surgem às festas sociais.

As festas dos santos padroeiros são determinadores para o reencontro entre pessoas que residem em cidades distantes, mas que tem sua origem num lugar comum. Ainda nessas festas são celebradas novenas, procissões, pagamento de promessas (que caracterizam a festa religiosa), assim como outras manifestações: danças folclóricas ou não, apresentações teatrais e musicais, comercialização de bebidas, alimentos, objetos religiosos, brinquedos etc., (em prol das igrejas ou não), atualmente realizam-se shows (todos esses elementos caracterizam a festa social ou “profana”).

2. O povo e suas promessas

Como podemos observar, as relações entre o santo de devoção e o povo seguem sempre uma lógica em que a reciprocidade é fundamental para que o equilíbrio seja mantido.

Essa relação de reciprocidade é explicada por Willems quando esta trata a cerca das promessas, já comentadas, e dos sentidos que diferenciam romarias e festas religiosas. Quanto às promessas e milagres dos santos, a autora narra ainda que no catolicismo popular, a ênfase era dada às sanções de auto-sustentação do sistema. Assim, se a comunidade ou indivíduo estava sofrendo algum castigo, este podia ser referente ao não seguimento das obrigações com *Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*, publicado na revista Estudos Históricos o santo, ao rompimento do equilíbrio nas relações de reciprocidade entre o santo e os indivíduos. O infortúnio presente de alguém era sempre remetido a uma falta contra os santos no passado (falta de respeito, esquecimento ou quebra de promessas ou, pior ainda, omissão ou escárnio pelas coisas do santo).

Todavia, a preferência pela romaria e pela penitência revela também um preconceito moral de uma nova ética religiosa: é que a romaria era oposta à festa, por não ser diversão. “*A romaria é uma penitência, não é festa que tem divertimento*” (Pierson, 1966:364). Nas descrições da romaria se falava muito nas dificuldades envolvidas na viagem (Harris, 1956:227-8); vindo a romaria a constituir em si mesma um “sacrifício”, um oferecimento da própria pessoa do promesseiro ao santo.

Entretanto, o pagamento de promessa em troca de alguma graça alcançada por uma comunidade (ou de um indivíduo importante desta) era a realização da Festa do santo ou da santa todos os anos. Quando a graça se referia a circunstâncias mais isoladas pagava-se a promessa com a compra de uma fita para colocar em volta dos pés do santo ou da santa; missa em ação de graças; queimação de velas logo após uma visita ao santuário do santo; oferta de bens como animais para proteção dos rebanhos; modelagem de um corpo ou parte do corpo afetado por doença deixados no altar do santo.

A categoria promessa denotava ao mesmo tempo o pedido feito ao santo, à dívida a saldar e a efetivação do pagamento ao santo, especialmente quando se tratava de ex-votos, também chamado de promessas. Existem também outras formas de fazer devoção voltada para o pagamento de promessas ou alcançar graças pelo pedido feito:

- Fazer peregrinação;
- Tirar fotografias da pessoa ou da parte afetada por doença ou outra enfermidade, e levar em romaria para a Igreja ou local onde o santo ou a santa está sendo venerado;
- Acompanhar a procissão com os pés descalços;
- Participar da missa várias vezes em números contados, etc..

Esses eventos, como sabemos, acontecem ainda hoje de forma muito intensa. Como exemplo, podemos citar as romarias em devoção ao Pe. Cícero no Juazeiro do Norte, CE, as caravanas em devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil em Aparecida, SP e outras manifestações de menor porte que se espalham pela grande maioria das cidades brasileiras.

Essa tradição continua como lembrança do passado. Ainda hoje se fazem e pagam-se promessas para os santos ou santas veneradas. As pessoas de forte devoção conseguem por meio da fé encontrar objetos perdidos. Há no interior a crença de que se algum objeto desaparece, pede-se para Santo Antonio e reza-se o responsório do santo (tipo de oração) que logo encontrará o objeto desejado. É necessário ter fé ou uma forte devoção para obter a graça alcançada. Alguns pesquisadores afirmam que há uma crença que diz: “para achar objetos perdidos, promete-se um vintém a Santo Antonio”.

A sala das promessas no Santuário de Aparecida, SP, na foto abaixo, reflete a intensidade da fé que levam milhões de pessoas do mundo inteiro a realizar suas promessas.²

2 Essa fotografia representa uma pequena parte da sala das promessas no Santuário de N. Sra. Aparecida em São Paulo. Existe milhares de símbolos e fotografias de pessoas, famílias e animais espalhadas pelo teto da sala.



Figura 6: Sala das promessas no Santuário de Aparecida
Acervo: Francy Izabelly O. Macedo

3. Associação entre igreja e poderes vigentes nas comunidades

Como já foi ressaltado, no ciclo de vida do indivíduo, a proteção do santo era sempre invocada para as passagens no parto, no batismo, no casamento, na doença e na morte, ocasiões em que a pessoa atravessava um período de transição de um estado socialmente definido para o outro, durante o qual deixava de operar o controle da sociedade. No entanto, o pagamento de tais promessas variava de acordo com a intensidade da graça. Os efeitos dessas promessas também eram diferenciados de acordo com a posição social do indivíduo que realizara tal promessa.

Para salientar a relação estabelecida entre o prestígio de um indivíduo do povoado e o poder milagroso de seu santo ficava bem claro nas comunidades em que a atividade religiosa e as associações organizadas com o fim de dirigi-las não estavam sob o controle total da Igreja, isto é, onde o uso dos símbolos do catolicismo ainda dependeria, em larga medida, da iniciativa de indivíduos ou grupos de leigos.

De certa forma, tudo podia ser explicado, em última instância, pela manifestação da vontade divina. Assim, à continuidade não era contestada nem indagada. Divisões de classe, com suas diferenças de poder e de riqueza, e conseqüentemente de infortúnio faziam parte da ordem natural do universo. Neste caso, comerciantes, e fazendeiros eram especialmente visados com esse tipo de estórias, sendo suas doenças e infortúnios, como a perda de suas posses relacionadas à sua usura para com a festa do santo. (Galvão, 1955: 423; Willens, 1961:160-165).

Gilberto Freire salienta que “*Famílias importantes tinham tradicionalmente suas próprias imagens de santos, ou “seus santos”, que eram passados de geração para geração.*”(GILBERTO FREIRE, 1933).

A importância que era dada a celebração dos santos e santas de tais famílias era diferenciada, tendo em vista o poder social que era imposto sobre os subordinados de tal família e sobre a igreja que lucrava financeiramente com essa associação.

A partir de alguns exemplos já citados percebe-se que essas crenças podiam ser manipuladas a fim de possibilitar o controle social. Através de histórias narradas, fazendeiros e comerciantes eram instados a manter o comportamento ritual correto de “respeitar as coisas do santo ou da santa”, isto é, assumir seus encargos enquanto pessoas de maiores posses localmente: redistribuir parcela de sua riqueza entre os pobres e protegê-los, o que era simbolizado no ritual da festa pela distribuição de comida a estes.

Mas essa luta entre mouros e cristãos expressava também a divisão da sociedade ao longo das parentelas organizadas em torno dos “coronéis” ou chefes políticos cujas lutas se eternizavam no interior do Brasil.

Essa relação tinha acentuado caráter de clientela: os serviços do padre eram sempre pagos em dinheiro e os lucros da festa originários do leilão, doações ao santo, eram revertidos em benefício para Igreja.

No entanto, com as transformações sociais e políticas, as associações religiosas ou irmandades iam perdendo importância, especialmente na área urbana, onde a influência e o controle da igreja determinavam tanto santos de devoção quanto a composição e direção da irmandade. Nasce então, um novo ciclo em que a associação se dá entre Igreja e Estado. Ficando sob total responsabilidade da igreja a autonomia religiosa e sob a responsabilidade do estado outras questões exteriores que na verdade corresponderiam a questões políticas e econômicas.

A Igreja católica já tinha sob seu completo controle não só as associações religiosas como também a liturgia seguida nas festas.

Com esse novo modelo de organização, as festas dos santos sofreram algumas modificações. De acordo com Alba, as festas dos santos eram organizadas segundo critérios semelhantes nos municípios em que perdurava o modo de vida tradicional. À proporção que avançava o processo de urbanização e burocratização (especialmente na Igreja e nas relações entre seus funcionários os adeptos e leigos), e na medida em que se introduziam no campo as relações capitalistas de produção, as festas deixaram de ter caráter sagrado e traduziam-se na atitude de seriedade e de respeito às coisas do santo, dos muitos significados sociais expressos em seu ritual e da própria eficácia que era atribuída tradicionalmente às festas.

Essas festas já completamente controladas pela igreja marcariam significativamente a autoridade do padre em todas as atividades religiosas, acima de qualquer personalidade leiga e conseqüentemente a subordinação de seus adeptos a hierarquia eclesiástica no que se referia a questões religiosas.

Quanto à festa profana, com pavilhão, barracas, leilões, bingos, parques de diversões que animavam crianças e jovens que participavam da festa, eram voltadas para o interesse de pessoas que comercializavam com venda de bebidas, às vezes com alto custo, dentro do pavilhão e que deveriam contribuir doando parte do lucro à paróquia.

Em algumas paróquias as atividades profanas bailes, danças e refeições coletivas chegaram a desaparecer. As dádivas aos santos eram leiloadas para pagar a despesa da festa (Harris, 1956: 235). O padre sorteava de uma lista o nome de quem faria gastos e preparariam leilão, tendo em vista recuperar o dinheiro gasto. Não era mais a autoridade máxima durante os festejos e entre suas atribuições não estava incluída a distribuição de comida aos participantes (Harris, 1956: 228-235).

“Mas, em outros municípios, misturavam-se ainda os aspectos tradicionais e os da liturgia da Igreja, os profanos” e os “sagrados”, de acordo com os costumes e os padres administradores de tais paróquias.

Já a “eficácia” da festa nada mais seria que a “eficácia da própria tradição. Ajustar contas com o santo significaria ajustar contas com a tradição e recomeçar a vida rotineira, com suas normas, seus valores lembrados, resolvendo ritualmente (ou

simbolicamente) contradições sociais inerentes a maneira pela qual se organizava essa sociedade tradicional.

No entanto, contrariamente aos valores ritos impostos pela Igreja as expressões populares e celebrações tradicionais do povo continuam acontecendo, mesmo que de certa forma “ilícita”, no Brasil rural. Esses códigos também parecem existir para expressar conflitos entre pessoas ou entre as regras ambíguas que regem seu comportamento.

Ainda sobre a ligação entre Igreja e Estado, Martha Abreu em seu artigo *Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*, publicado na revista *Estudos Histórico* nos apresenta:

“As festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros, ou outras devoções, eram o momento máximo da vida dessas associações. Para o desgosto de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com a continuidade da ordem e com o não cumprimento das determinações tridentinas, essas festas costumavam confundir as práticas sagradas e profanas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões Te-Deum, novenas e procissões, eram parte importante as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. Em geral a população escrava e/ ou negra não perdia a oportunidade de tocar suas músicas e “batuques” e dançar suas danças”. (ABREU, 1994, p.184)

Os “interesses religiosos” propriamente ditos dos grupos de leigos que recorriam ao auxílio dos santos do catolicismo popular, interesses esses que explicariam a permanência desse sistema religioso nas áreas rurais onde continuavam a prevalecer as mencionadas condições sociais, o interesse sociológico nesse sistema reside também na homologia que se pode estabelecer entre o mundo espiritual e o mundo social criado pelo homem. É assim que se pode interpretar o “formalismo ético” da relação entre camponês e deuses sacerdotes. (Weber, 1968:82).

O catolicismo eclesiástico ou da Igreja oficial não é o mesmo que o catolicismo dos camponeses, do proletariado urbano de outras camadas sociais urbanas. Esses catolicismos se diferenciam não só por suas práticas e crenças, como também pela própria relação que mantém com a Igreja Oficial.

CAPÍTULO 3

FESTA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO: DO RELIGIOSO AO PROFANO.

1. A festa religiosa de N. Sra. do Desterro em Boqueirão, PB.

A festa de N. Sra. do Desterro acontece todos os anos na última semana do mês de Janeiro. Geralmente é iniciada no penúltimo domingo e encerrada no último domingo do mês. Durante toda a semana acontecem celebrações na Igreja Matriz em que as comunidades pertencentes à Paróquia são convidadas a participar da organização da celebração.

Todavia, não foi sempre desse modo. Dos anos 80 até os anos 90 as atividades religiosas sofreram novas formas de festejos. Antes, celebrava-se apenas o tríduo, iniciando na sexta feira e terminando no domingo com missa e procissão com a imagem. Depois celebrava-se o novenário que era encerrado com a missa solene em homenagem a padroeira no último domingo.

Atualmente a festa religiosa acontece durante toda a semana. Para cada dia da semana uma equipe formada por animadores de determinadas comunidades ficam responsáveis pela liturgia da celebração, seja da palavra ou eucarística (missa).

Atualmente a Paróquia conta com mais de 30 comunidades espalhadas pelo município de Boqueirão e cidades próximas, pois o território de uma Paróquia não segue os limites físicos das cidades. Assim, a Paróquia de Boqueirão organizou essas comunidades em setores para o melhor acompanhamento dos serviços pastorais e administrativos realizados nessas. Os setores foram organizados seguindo o critério de proximidade das comunidades envolvidas.

Desse modo, as celebrações da festa que antes eram distribuídas entre comunidades, hoje são realizadas pelos setores. Cada setor fica responsável pela equipe litúrgica de um dia da semana. Geralmente os dois últimos dias da semana conta com

uma equipe litúrgica especial formada por animadores de várias comunidades ou de comunidades da cidade.³

Os preparativos para a festa religiosa acontecem cerca de um a dois meses antes da festa. Há uma equipe que é escolhida a cada ano para organizar a programação religiosa que vai desde a escolha do tema da festa até os padres convidados para celebrar na matriz e a organização dos setores por dias da semana. Essa equipe é formada pelos animadores de pastorais que fazem parte da equipe de liturgia das comunidades e pelo padre que orienta as discussões.

À equipe litúrgica compete escolher a temática da festa que muda a cada ano, os hinos que farão parte das celebrações, os leigos responsáveis pelas leituras de cada dia da semana, a organização da programação religiosa (celebrações, missas e procissões), a organização da igreja (como, por exemplo, escolha das toalhas do altar de acordo com cada dia e respeitando sempre o tempo litúrgico, colocação da imagens, ornamentação da imagem e da igreja) e da procissão, enfim, toda a parte que diz respeito ao culto religioso propriamente dito.

Ainda para abrilhantar a festa religiosa tem a presença da Banda Filarmônica N. Sra. do Desterro. Esse trabalho da festa da padroeira, conta também com a participação de voluntários que se dedicam para dar apoio às festividades realizadas até os momentos finais da festa.

O culto religioso a cada ano vem sofrendo modificações e vem se assemelhando as imposições romanas da Igreja Católica, afastando-se das manifestações tradicionalmente populares. Desde os hinos cantados nas celebrações até as leituras bíblicas seguem a determinação ou a orientação do vaticano. Ainda no final da década de 90 para o início do novo milênio as leituras eram selecionadas de acordo com o tema da festa e os hinos eram basicamente em devoção a Nossa Senhora, hinos populares, conhecidos ao povo. Ladainhas e Salve-Rainhas eram cantadas e recitadas pelos devotos. Atualmente as leituras bíblicas e os hinos seguem as orientações da CNBB, adequando-se sempre que possível um ou outro hino mais popular e o hino da padroeira que é obrigatório nos dias da festa.

3 Em anexo apresentamos um modelo de programação (“convite”) “antiga” da festa religiosa e social.

A formalização do culto religioso pode ser percebida, inclusive, quanto à presença de roupas litúrgicas utilizadas pelos leigos quando estes fazem parte da equipe litúrgica. As roupas utilizadas pelos leitores são diferentes das batinas dos padres e seminaristas e das vestes dos ministros da sagrada comunhão e dos coroinhas, todas procuram seguir as cores do tempo litúrgico e das festas. Além das roupas que diferenciam os leitores da celebração dos demais participantes e envolvidos na organização da celebração eucarística, estes desenvolvem todo um ritual simbólico juntamente com o padre e os seus auxiliares (coroinhas, seminaristas, ministros da sagrada comunhão) durante a celebração. Desde a procissão de entrada na igreja até a procissão final são realizados vários sinais que indicam respeito ao altar onde Cristo está presente. Assim, tanto o padre quanto os leitores fazem reverência antes e depois das leituras e quando há necessidade de ficar diante do altar.

A partir dessas descrições percebemos as contradições existentes entre o novo ritual que predomina nas comunidades religiosas dirigidas por padres e os antigos rituais que insistem em permanecer nas mesmas comunidades, por meio de famílias que mantêm a sua tradição religiosa.

Em entrevista realizada no dia 21 de novembro de 2010 com Dona Joaquina Maria Pereira, moradora do Sítio Taboado de Cima em Boqueirão, PB, esta relata a importância da tradicional devoção a Santo Antonio realizada por sua família até os dias de hoje. Segundo a entrevistada que têm 86 anos de idade esta tradição foi originada por seu pai, provavelmente em decorrência de uma “petição” (promessa), e consistia na realização da festa de Santo Antonio com a novena e com as comemorações populares (que na época eram expressões “caseiras”, como: brincadeiras em torno da fogueira, adivinhações, brincadeiras de roda, fogos de artifício e comidas típicas servidas aos participantes). Com o passar do tempo e o início das grandes festas juninas na cidade, esta festividade foi sendo esquecida pelos mais jovens que passaram a frequentar as festas com bandas de forró organizadas pela prefeitura local. Até hoje a novena de Santo Antonio é celebrada pela família e amigos de Dona Joaquina e o rito que segue é o mesmo iniciado por seu pai há aproximadamente 90 anos – já que a entrevistada não sabe informar a data em que foi iniciada a novena e tendo em vista que desde muito pequena guarda lembranças destes momentos.

Ainda no Sítio Taboado existem três outras famílias que seguem o mesmo ritual. A família de Maria de Lourdes é uma dessas. A tradição dessa família já conta com mais de 180 anos e foi iniciado com um dos primeiros moradores daquela localidade, o senhor João de Oliveira que veio do Rio Grande do Norte devido a uma grande seca que ocorreu na região onde morava com seu pai, mãe e irmãos. Instalou-se na comunidade por volta de 1815. Na residência do senhor João de Oliveira era rezada a novena a São João no mês de Junho. Hasteava-se uma bandeira para anunciar a todos da comunidade o início do tríduo a São João Batista. Ainda hoje as novenas em devoção ao santo são realizadas pela mesma família que segue o ritual original incluindo citações em latim.

Com a organização da Paróquia Nossa Senhora do Desterro essa comunidade assim como as demais se tornaram, de fato, comunidades religiosas com o acompanhamento efetivo do Pároco. Foi construída uma capela e instituído como patrono da comunidade São João Batista. Todos os anos a Igreja realiza a Festa em devoção ao santo patrono da comunidade com a celebração de missa e procissão. No entanto, acontece paralelamente e sem a participação da Igreja (instituição) as novenas na casa de Dona Maria de Lourdes, porém, em datas e horários que não interrompem a realização da programação da Capela para que todas as pessoas da comunidade possam participar de ambos os festejos.

O momento do planejamento para as realizações da festa de Nossa Senhora do Desterro em Boqueirão no cariri paraibano tem a finalidade de reunir todos os fiéis e devotos da santa padroeira seguindo os rituais da religião católica, como compromisso de fé, por parte dos irmãos e irmãs que fortalecidos pelas esperanças, alcançam através das promessas suas graças.

Em entrevista ao atual pároco da Paróquia Nossa Senhora do Desterro, monsenhor Edivar de Moraes, quanto a importância e finalidade da festa, este afirma que a finalidade da festa de padroeiro é festejar o santo padroeiro da comunidade, “cada Paróquia festeja o seu padroeiro”. O padre explica a origem da data da festa de Nossa Senhora do Desterro, afirmando que esta festa ocorre sempre no final do mês de Janeiro porque Nossa Senhora do Desterro é a nomenclatura que se refere ao desterro de Maria com o seu filho Jesus para o Egito, fugindo da perseguição de Herodes que estava procurando o menino para matá-lo. Como o nascimento de Jesus é comemorado no mês

de Dezembro, a tradição concorda a data do desterro para o final do mês de Janeiro. Para comprovar as afirmações do Pároco o hino da padroeira de Boqueirão traz os seguintes versos:

Hino à padroeira

De Belém com o justo José
 Ao Egito rumaste Maria
 Pra salvar teu menino mulher
 Que do mundo se tornou alegria.

**Refrão: Virgem Mãe, Santa heroína,
 Mãe do Desterro, Nossa Rainha,
 De Boqueirão, és a padroeiras
 E aqui teu povo de canta e te festeja.**

Ó rainha volvei vosso olhar
 Sobre todos, ó Mãe do Desterro
 Não permitas jamais habitar
 Os teus filhos nas trevas do erro.

Ó virgem predileta do Pai,
 Vences as trevas com teu menino luz,
 Por teu povo sofrido rogai,
 Sede seta que leva a Deus Pai.⁴

Quanto à finalidade da Festa da padroeira o padre ressalta que muitas vezes olha-se apenas a questão econômica, mas a finalidade real da festa deveria ser a evangelização dos paroquianos e das paroquianas. O pároco ainda acrescenta que a festa social foi aos poucos se degenerando e se transformando em festa profana. Porém, por o profano ser contrário ao religioso não se aceita essa denominação, substituindo-a por Festa Social.

Na opinião do pároco a festa social deveria ser um momento de confraternização entre os irmãos que antes celebraram juntos a devoção ao padroeiro e enfatiza ser a Festa Religiosa a real festa da padroeira e não a Social.

4 Retirado do livro de cânticos da Festa De N. Sra. do Desterro em Boqueirão no ano de 2009.

2. A Festa Social

Os procedimentos que levam a realização da Festa Social de N. Sra. do Desterro por parte dos fiéis, se define pela organização de um grupo de pessoas que se reúnem para decidir possíveis formas para realizar os festejos da padroeira.

O grupo escolhido para organizar a festa social não é composto pelas mesmas pessoas que fazem parte da equipe litúrgica. Geralmente são grupos distintos, o que não impede que um animador colabore em ambas as equipes seja de forma direta ou indireta.

O grupo que é representado pelo Conselho Administrativo da Paróquia dividi-se em várias equipes cada uma responsável por uma tarefa. Assim temos: a equipe de divulgação (responsável pela organização dos panfletos, divulgação em rádio e carros de som, faixas e etc.); de patrocínio que é responsável pela solicitação de patrocínio nos estabelecimentos comerciais da cidade e região; equipe de comissão de rua (responsável pelo arrecadamento de contribuições nas residências ou sítios); equipe do bar (responsável pela organização do bar, compra de bebidas para venda no pavilhão, compra de frangos para arrematação, coordenação dos garçons da festa e etc.); equipe do pavilhão (responsável pela montagem e desmontagem do pavilhão onde ocorre a Festa Social); equipe do bingo (que organiza o bingo que ocorre geralmente no último dia da festa) e, por fim, a equipe da quermesse (onde são vendidos a preço acessível doces, tortas, bolos, salgados e refrigerantes doados pela comunidade). Abaixo foto da quermesse da Festa de N. Sra. de Fátima (2007) padroeira de uma das comunidades da Paróquia.

Figura 7: Quermesse da Festa de N. Sra. de Fátima – Bairro Novo
Acervo: Fábio Brito



Os dias da festa social coincidem com os três últimos dias da festa religiosa. A festa social é iniciada logo após o término da missa e os recursos arrecadados são revertidos em benefícios para a igreja, como: manutenção do templo, pagamento de despesas com reformas, investimento em formação e missão entre outros.

A festa social conta sempre como apoio da Prefeitura local que colabora com as atrações musicais que animam a festa durante os dois últimos dias. Antes eram os três dias (sexta feira, sábado e domingo), atualmente tem-se adotado a prática de realizar no primeiro dia um louvor na praça da matriz com grupos religiosos.

A festa no meio social é influenciada por vários mecanismos. Ela representa a cultura, o meio político e uma parte do comércio que se estende em volta do pátio da igreja. A cultura é representada pelos artistas (músicos e cantores) e artesões que procuram de certa forma, mostrar um pouco sua arte. Em alguns momentos aparecem barracas com objetos de uso pessoal (como bijuterias, bolsas, brinquedos,...) ou gêneros alimentícios. Todo esse movimento busca espaço para o surgimento do comércio.

O ambiente da festa social espalha-se pelas ruas próximas a igreja ocupando, sobretudo, o espaço da Rua Oliveira Lêdo. Esta fica repleta de parques de diversões. As ruas em torno da matriz são ocupadas com barracas que vendem lanches, bebidas, churrascos, brinquedos, bijuterias etc..

O pavilhão é montado sobre a Praça da Igreja Matriz ao lado desta. Neste local são espalhadas dezenas de mesas com cadeiras que dão ao ambiente a impressão de um bar enorme com música ao vivo. Lá são vendidas bebidas (geralmente com um valor alto), são realizadas as apresentações musicais que abrilhantam a festa social, as arrematações de frangos e quermesse com a venda de lanches a um custo mais acessível também ocorrem no pavilhão.

A festa reúne grande número de pessoas de diferentes classes sociais, no entanto, diferentemente da Festa Religiosa em que todos ocupam o mesmo espaço, na festa social os espaços são distintos. Devido o valor da bebida e dos petiscos servidos no pavilhão, este é geralmente ocupado por famílias tradicionais e de certa condição financeira ou ainda por comerciantes e políticos da região. A quermesse, as barracas de

lanches, fiteiros e churrasqueiros, com preço mais acessível tornam-se mais acessíveis ao povo em geral.

Percebemos ainda, que o público que participa da festa social não é sempre o mesmo que participa efetivamente da festa religiosa. São públicos geralmente distintos e com interesses diferentes. O público que participa do culto religioso é formado por famílias católicas, pessoas idosas, jovens e adultos religiosos. O público da festa social é formado por todas as pessoas da comunidade, inclusive aquelas que não costumam participar dos momentos religiosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber durante a evolução desse trabalho há uma relação de poder estabelecida entre a formação clerical dos padres e organizadores do clero da Igreja e a formação popular do povo que criou sua própria forma de expressar sua fé por meio de suas experiências particulares.

É por meio da descrição e da evolução que percebemos nas festas populares que se torna evidente a disparidade entre os valores do culto religioso estabelecido pela Igreja e os cultos tradicionais que ainda persistem em existir nas comunidades, de forma isolada, por meio da tradição familiar. É também por meio dessas descrições que se torna notável o poder que a Igreja mantém sobre o povo e sobre suas expressões religiosas. Porém, fica claro que mesmo com a organização hierárquica clerical fincada nas comunidades rurais às pessoas continuam mantendo suas tradições mesmo que por meio de expressões populares como as promessas, as romarias, as novenas e devoções aos santos patronos e etc.

Outro contraste que se faz presente é a contradição entre o religioso e o profano. A partir das reflexões feitas a cerca da festa de N. Sra. do Desterro percebemos que os públicos que participam das festas religiosas e sociais são diferenciados, o que denota a transformação dos valores religiosos e morais da comunidade que antes celebrava a festa de modo mais familiar e hoje celebra as festas sociais de forma menos familiar ou profana que agrega shows, danças e bebedeiras.

Por outro lado, a manutenção desse sistema pela igreja, nas palavras do Pe. Edivar de Moraes atende a um apelo econômico, ou a uma necessidade econômica por parte das igrejas que embora não concordem ou pensem de modo diverso, acabam aceitando a forma popular das festas sociais que se configuram atualmente

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Martha. *Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. In: Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 7. n.º. 14, 1994. p. 183-203.
- ARROYO, Leonardo. *A carta de Pero Caminha: ensaio de informação à procura de constantes válidas de método*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília, INL, 1976.p.44-125.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira (org.). *Crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 1975.
- COMBLIN, Joseph. *Situação Histórica do catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- FREIRE, Gilberto. *A proposta de frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.
- PIERUCCI, Antônio Flávio & PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- OLIVEIRA, Hermínio B. de. *Formação histórica da religiosidade popular no nordeste*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- SOUSA, Marina de Melo e. *Paraty a cidade e as festas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008. p. 68-217.
- ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1983.

ANEXOS

1. Livro de cânticos da Festa da padroeira 2009.

DIOCESE DE CAMPINA GRANDE
PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO
BOQUEIRÃO- PB.



N. Sra. do Desterro

COM A MÃE DO DESTERRO QUEREMOS SER
DISCÍPULOS E MISSIONÁRIOS DO SENHOR A
SERVIÇO DA VIDA
DE 25 de janeiro à 01 de Fevereiro de 2009

DIOCESE DE CAMPINA GRANDE
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO DESTERRO
FESTA DA PADROEIRA
DE 20 A 27 DE JANEIRO

TEMA: A VIDA MISSIONÁRIA ALIMENTADA E FORTALECIDA NAS CELEBRAÇÕES SACRAMENTAIS.

Acreditando que fé e vida, sacramentos e missão estão profundamente interligados, vamos refletir sobre a luz e a força que cada sacramento realiza na vida do cristão, principalmente na vida dos missionários.

DOMINGO, DIA 20/01/2008

18h30min: Procissão de São Sebastião em direção à matriz, onde acontecerá a abertura da festa de N. Sra. Do Desterro com o hasteamento da Bandeira, seguido da Celebração Eucarística, com a participação da Filarmônica Nossa Sra. Do Desterro.

Tema: Pelo Batismo somos discípulos e missionários
Presidente da celebração: Padre João Batista, Pároco de Barra de Santana.

Responsável pela liturgia: Pastoral do batismo
Comunidades convidadas: Bairro Novo, Malvinas, Bela Vista.

SEGUNDA-FEIRA, DIA 21/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades
19h30min: Celebração Eucarística
Tema: A Eucaristia, fonte de vida para os discípulos e missionários.

Presidente da Celebração: Padre Edivar de Moraes
Homiliasta: Diácono Evanilson de Souza
Responsáveis pela liturgia: Ministros da Sagrada Comunhão
Comunidades convidadas: Campo de Emas, Curralinho, Mata Pasto, Marinho, Tanques, Canudos e Ramada de Baixo.

Neste dia, serão apresentados às comunidades-mãe os novos ministros da Sagrada Comunhão que atuarão nas comunidades rurais.

TERÇA-FEIRA, DIA 22/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades
19h30min: Celebração Eucarística
Tema: Na crisma, os discípulos e missionários recebem a força do Espírito Santo

Presidente da Celebração: Padre Afonso, Vigário Paroquial de Umbuzeiro
Homiliasta: Diácono Evanilson de Souza
Responsáveis pela liturgia: Pastoral da Crisma e da Juventude
Comunidades convidadas: Moita, Pedra Branca I, Bento, Relva, Bredos e Cavaco.

QUARTA-FEIRA, DIA 23/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades
19h30min: Celebração Eucarística
Tema: O sacramento da Penitência na vida do discípulo e na do missionário

Presidente da Celebração: Padre Paulo Roberto, Pároco de

Sumé.

Responsáveis pela liturgia: Pastoral do Dizimo e Apostolado do Oratório

Comunidades convidadas: Mineiro, Zacarias, Salgadinho e Bonita.

QUINTA-FEIRA, DIA 24/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades

19h30min: Celebração Eucarística

Tema: O matrimônio, sacramento da vivência comunitária dos discípulos e dos missionários de Cristo

Presidente da Celebração: Padre João Jorge, Pároco de Juazeirinho

Responsáveis pela liturgia: ECC e Pastoral Familiar
Comunidades convidadas: Pitombeira, Serraria de Queimadas, Serraria de Baixo, Serraria de Cima.

21h00min: Pavilhão Programação Social, com a apresentação da Banda de Música da Polícia Militar do 2º BPM - Campina Grande.

SEXTA-FEIRA, DIA 25/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades

09h30min: Celebração Eucarística

Responsáveis: Pastoral da Saúde e Ministros da Sagrada Comunhão

18h00min: Procissão dos motoristas e bênção dos veículos, com a participação da Filarmônica Nossa Sra. Do Desterro.

19h30min: Celebração Eucarística

Tema: A Unção dos Enfermos, sacramento dos discípulos e missionários em espírito e na oração.

Presidente da Celebração: Padre José Acírio, Pároco da Palmeira (Campina Grande-Pb)

Comunidades convidadas: Ramada de Cima, Tabuado de Baixo e Tabuado de Cima.

21h00min: Show Religioso Missionário, Grupo Milícias Celestes

SÁBADO DIA 26/01/2008

06h00min: Alvorada e Ofício Divino das Comunidades

18h30min: Celebração Eucarística.

Tema: A ordem, o sacramento do serviço dos discípulos e missionários.

Presidente da Celebração: Padre João Bosco, pároco de Cabaceiras

21h00min: Pavilhão Programação Social: Show Musical BANDA IMPACTO X.

DOMINGO DIA 27/01/2008

10h00min: Missa Solene da festa.

Presidente da Celebração: Padre José Gonçalves

Responsável pela Liturgia: Equipe paroquial de liturgia

17h00min: Procissão de Nossa Senhora do Desterro, seguida da Celebração de encerramento, com a participação da Filarmônica Nossa Sra. Do Desterro.

20h30min: Pavilhão Programação Social: Show Musical Banda NERAY.

Visite Boqueirão e aprecie as nossas belezas!

2. Figuras



FIGURA 8: Igreja Matriz de Boqueirão, PB.
Acervo: Thiago Matias Farias de Lima



FIGURA 9: Pia Batismal – Matriz de Boqueirão
Acervo : Thiago Matias Farias de Lima



FIGURA 10: Santíssimo – Matriz de Boqueirão
Acervo : Thiago Matias Farias de Lima



FIGURA 11: Interior e altar da Igreja de Boqueirão.
Acervo: Thiago Matias Farias de Lima



FIGURA 12: Imagem de N. Sra. do Desterro
Acervo: Fábio Brito



FIGURA 13: Sagrada Família Igreja de Boqueirão
Acervo: Fábio Brito